

# Jovens e sujeitos da História\*

## *Young and individuals of the History*

Luis Fernando Cerri\*\*  
Mariela Coudannes Aguirre\*\*\*

---

**Resumo:** Esse texto discute as concepções de jovens brasileiros, argentinos e uruguayos sobre os sujeitos na história, com base em seu aprendizado histórico escolar e extraescolar. Os dados foram obtidos a partir da pesquisa internacional “Jovens brasileiros e argentinos diante da História”, baseada em questionários para estudantes de 15 anos e seus professores, utilizando majoritariamente a escala Likert. Teoricamente, a pesquisa sustenta-se nos conceitos de consciência histórica e cultura histórica, tais como formulados pela Didática da História alemã, bem como no conceito de cultura política. Os resultados, em suma, apontaram que, dentro do universo pesquisado, as chamadas “personalidades importantes” típicas do ensino escolar da História são reconhecidas no que se refere aos “pais fundadores” das nações, mas não em sujeitos que representaram possibilidades alternativas no desenvolvimento da história nacional, o mesmo se dando com as personagens femininas. A ciência, a tecnologia e as invenções são vistas como um fator de mudança mais significativo do que as “pessoas importantes” e essas, por sua vez, são superadas pela importância reconhecida em movimentos coletivos.

**Palavras-chave:** Consciência histórica, Cultura histórica, Levantamento de dados intercultural

**Abstract:** This paper discusses Brazilian, Argentinean and Uruguayan young people’s conceptions on historical individuals, based on their learning inside and outside school. The *data* were obtained from the “Brazilian and Argentinean young people before History” international research based on questionnaires to 15 year old students and their teachers, using mainly the Likert’s scale. Theoretically, the research is sustained in the historical consciousness and historical culture concepts, as formulated by the German History Didactics, and also in the political culture

---

\* Texto resultante de projeto de pesquisa “Jovens Brasileiros e Argentinos diante da História” financiado pelo CNPq.

\*\* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: <lfcronos@yahoo.com.br>.

\*\*\* Professora da Facultad de Humanidades y Ciencias – Universidad Nacional del Litoral, Argentina. E-mail: <macoudan@fhuc.unl.edu.ar>.

concept. The results, in a few words, points that, inside the investigated universe, the so called “important people”, typical of traditional History teaching at schools, are recognized overall when we refer to the nations’ “founding fathers”, but not to individuals who represented alternative possibilities at the national history development. The same happens with feminine personages. Science, technology and inventions are taken as a most significant factor of change than the “important people” and these, by their turn, are overcome by the recognized importance of collective movements.

**Keywords:** Historical consciousness, Historical culture, Intercultural survey

---

## **Introdução**

Esta pesquisa está sustentada na hipótese de que é possível levantar elementos da consciência histórica e da cultura política de populações específicas, através da resposta a questões em que os sujeitos participantes identifiquem suas concepções gerais sobre o tempo e a história, preferencialmente com um componente decisional envolvido. Nesse sentido, contribuimos também com elementos para a reflexão metodológica referente à captura empírica de elementos da consciência histórica. Além disso, é possível também promover um levantamento sobre alguns aspectos do estado atual do ensino e aprendizagem de História.

Tomamos por consciência histórica “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (Rüsen, 2001, p. 57) ou ainda “o grau de consciência da relação entre o passado, o presente e o futuro” (Angvik e Borries, 1997, p. 403). Por sua vez, o conceito de cultura política “refere-se às orientações especificamente políticas, às atitudes com respeito ao sistema político, suas diversas partes e o papel dos cidadãos na vida pública”, segundo Almond e Verba (apud Borba, 2005, p. 148). De acordo com o cientista político José Álvaro Moisés, há um consenso quanto a esse conceito, que envolve “a generalização de um conjunto de valores, orientações e atitudes políticas entre os diferentes segmentos em que se divide o mercado político e resulta tanto dos processos de socialização, como da experiência política concreta dos membros da comunidade política (Moisés, 1992, p. 7). Nessa pesquisa, portanto, buscamos as articulações entre a cultura histórica – conceito que delinea “um conjunto de fenômenos histórico-culturais representativos do modo como uma sociedade ou determinados grupos

lidam com a temporalidade (passado-presente-futuro) ou promovem usos do passado” (Abreu; Soihet; Gontijo, 2007, p. 15) – e cultura política. Para Flores (2007), expressão cultura histórica expressa a perspectiva de articulação entre processos históricos em si e os processos de produção, transmissão e recepção do conhecimento histórico.

Os questionários – um para professor, e um para alunos – incluem temas sobre os quais os respondentes manifestam-se marcando o nível de sua concordância com as afirmativas através da escala Likert (cinco níveis variando de péssimo a ótimo, discordo totalmente a concordo totalmente e assim por diante), a partir da qual se atribui valores numéricos a cada resposta (de -2 para a resposta mais negativa, passando por zero para as respostas neutras e 2 para a resposta mais positiva), sendo que o tratamento é a produção de médias que permitem ver a concordância média com cada afirmação, e a definição de desvio padrão, que permite conhecer a média da variação das respostas. Os questionários foram baseados naqueles usados pelo projeto europeu Youth and History, desenvolvido pela European Standing Conference of History Teachers Association (Euroclio), em meados dos anos 90, com a participação de 33 países europeus, além de Turquia, Israel e a Autoridade Palestina. Obviamente, foi feita uma adaptação à realidade sul-americana, incluindo modificações para o esclarecimento de algumas questões, supressão de outras e a inclusão de questões de interesse regional específico (por exemplo, sobre a experiência comum das ditaduras militares até os anos 80).

As questões para os alunos envolvem opiniões sobre o significado da história, a importância de seus objetivos, formas de história que mais agradam e em quais mais se confia, importância de religião e política, as práticas de sala de aula, conhecimentos de cronologia sobre processos históricos, interesse em períodos e temas de história, noção de passado e projeções para o futuro (pessoal e coletivo), tópicos importantes do conteúdo escolar da história (Idade Média, Colonização, Revolução Industrial, Adolf Hitler), grau de importância de elementos da vida pessoal e coletiva, sentido da História, interpretação da riqueza e pobreza, compreensão da historicidade, definições de nação, solidariedade social, próceres, MERCOSUL, democracia, papel da mulher, governos militares e posicionamento quanto a temas polêmicos contemporâneos. O questionário dos professores é mais restrito, é em geral aplicado aos professores dos alunos respondentes, e tem por objetivo comparar concepções e práticas de sala de aula com os alunos, além de levantar informações adicionais sobre o contexto em que os alunos responderam

os questionários. Foram computados 1473 questionários de alunos, sendo 743 do Brasil, 534 da Argentina e 193 do Uruguai, e mais 65 questionários de professores.<sup>1</sup>

Nesse texto, utilizaremos algumas questões que se referem mais diretamente ao papel dos indivíduos na História, sejam eles os grandes heróis nacionais de cada um dos países, as pessoas comuns ou o próprio respondente dos questionários.

### **Sujeito(s) e história(s)**

O tema do indivíduo ou do herói na história já recebeu a atenção de diversos pensadores no campo das ciências humanas. Uma síntese interessante do papel do herói como símbolo da coletividade é trazido pelo historiador brasileiro José Murilo de Carvalho:

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua o seu panteão cívico. (Carvalho, 1990, p. 55)

A ligação entre a escola e o papel de formação da identidade nacional, na qual os heróis são decisivos, foi formulada no Brasil, entre outros, por Paulo Miceli. Sua crítica é incisiva e típica da época em que o ensaio vem a público, em que o desafio é a redemocratização da sociedade e da escola, quando a sociedade está saindo da ditadura militar, que foi pródiga no uso dos símbolos nacionais – entre eles os próceres – para se legitimar. Para Miceli, história na escola visava então a formação, reforço e manutenção dos valores tradicionais da nacionalidade, favorecendo que, no campo das ideias, a pátria durasse e permanecesse intocada através do tempo (Miceli, 1989, p. 35).

---

<sup>1</sup> As cidades envolvidas incluem Ponta Grossa, Curitiba, Londrina, Cornélio Procópio, Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Francisco Beltrão (todas no Paraná), La Plata, Santa Fe, Malvinas Argentinas, San Miguel, e José C. Paz (na província de Buenos Aires, Argentina), Montevidéu, Solymar e Florida (no Uruguai). Em todas as cidades foram selecionadas 5 escolas (quando havia todas as categorias): três públicas (central, de periferia, de excelência) e privada (confessional e laica). Não se trata de amostras estatísticas, mas de um ensaio de aplicação do instrumento. As conclusões, portanto, não são dadas em termos de representatividade nacional, mas de indícios para a continuidade da investigação e da reflexão, o que não torna os resultados menos significativos.

Na Argentina há consenso de que foi Bartolomé Mitre, político, militar, jornalista e escritor, o encarregado de consagrar os heróis do panteão nacional. Também é sabido o impacto que teve na segunda metade do século XIX a teoria do culto aos grandes homens de Thomas Carlyle (*On Heroes and Hero Worship and the Heroic in History*, 1841). Este sustentava que a evolução histórica se produzia pela envolvente força interior dos heróis, e este carisma que provinha de sua sinceridade, valentia, bondade, entre outras virtudes, que lhes outorgavam o direito de dirigir as massas, as quais por sua vez podiam confiar cegamente neles. Não foi um fenômeno exclusivo do Rio da Prata: a narrativa hispano-americana transformou as guerras de Independência no momento apropriado para situar o nascimento de um panteão exemplar, unificador, que indicasse o rumo do aperfeiçoamento social. O herói reunia qualidades físicas e morais que se manifestavam na sua vida pessoal e pública, e esta abrangia dois aspectos: a valentia militar e a consagração ao serviço da pátria. A memória oficial se transmitiu através de uma pedagogia cívica que compreendeu atos cívicos populares e o ensino escolar. O fim último era a coesão social.

Qual foi o papel atribuído às massas neste contexto? Segundo os historiadores do século XIX, este imaginário devia ser recebido passivamente pelos “menos dotados de bens culturais”. As “pessoas pequenas”, outras vezes qualificadas de ignorantes e bárbaras, deviam render-lhes admiração e homenagem, aprender de seus exemplos. Mas o homem- mito era uma realidade simplificada, fora do tempo, abstrata, por haver sido despojada de suas conexões com os condicionamentos históricos. Transformados em bronze, despojados de paixões e de todo impulso vital, estes personagens estariam condenados à indiferença das gerações futuras: “O hino, o grito, a reverência se transformam em automatismos... lugares comuns que atormentam a escolares e provocam o bocejo de que presenciam a cerimônia patriótica...” (Pomer, 2005, p. 163-4; 166). Como se explicaria então sua permanência? Seus usos acompanharam os avatares do século XX; em várias ocasiões serviram para justificar o protagonismo político dos militares e o autoritarismo das ditaduras. Na atualidade, a longevidade do herói responderia como antes “à busca de sentido e de identidade coletivos. Mudam por isso as figuras, mas as estátuas permanecem” (Roux López, 1999, p. 42).

Diante desse quadro, nos perguntamos quais seriam os significados dos heróis para os estudantes de História hoje, em dois sentidos: no que se refere à permanência e sobrevivência efetiva dos heróis tradicionais no imaginário, e no papel que a educação histórica tem para definir o

caráter da ação de diferentes sujeitos históricos, inclusive o próprio respondente.

Na pesquisa que desenvolvemos, a questão 33 trouxe uma lista de personagens importantes para a história de cada país, buscando uma diversidade de papéis e significados nos diferentes processos históricos. No caso brasileiro, foram selecionados Cabral, Zumbi dos Palmares, Tiradentes, D. Pedro I, Frei Caneca, Duque de Caxias e Anita Garibaldi. Para a Argentina, selecionamos Moreno, Belgrano, San Martín, Rosas, Urquiza, Sarmiento, Juana Azurduy. Para o Uruguai, foram selecionados Artigas, Frutuoso Rivera, Manuel Uribe, Obdulio Varela, Battle Ordoñez, José Pedro Varela e Maria Eugenia Vaz Ferreira. O aluno deveria responder se conhecia bem (1), conhecia mais ou menos (0) ou não conhecia (-1) os personagens. O cálculo da média das respostas tem, portanto, variação entre -1 (não conhecer) e 1 (conhecer bem) o personagem. Esse tipo de questão permite identificar os personagens mais presentes na lembrança de estudantes, ou seja, pessoas que estão em contato direto com a história ensinada na escola. Por consequência, o maior ou menor conhecimento de cada personagem pode indicar um padrão de cultura histórica dominante entre esses depoentes, como veremos adiante. A Figura 1 é uma tabela com as médias das respostas dos estudantes.

A listagem brasileira traz próceres que, mesmo tendendo a aparecer em algum momento da trajetória escolar, são desiguais. Pedro Álvares Cabral comandou a esquadra que oficialmente descobriu o Brasil em 1500. Zumbi dos Palmares foi um escravo negro que liderou um dos quilombos – comunidade livre de escravos fugidos – mais importantes do período colonial. Tiradentes foi o único punido em 1792 com a morte por ter participado de um movimento secreto que buscava libertar de Portugal a região das Minas Gerais. D. Pedro I, primeiro imperador do Brasil, proclamou a independência do país em 1822, e terminou por abdicar ao trono por pressão popular. Frei Caneca, por outro lado, participou da Confederação do Equador, propondo outro projeto de independência, regional, popular e republicana, e foi executado pelas tropas fiéis ao imperador em 1825. Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, teve papel decisivo na repressão a revoltas internas contra o poder central, e, portanto na consolidação do Império, e na guerra contra o Paraguai. Por fim, Anita Garibaldi é a personagem feminina escolhida, participou das lutas contra o Império brasileiro durante a Revolução Farroupilha (1835-1845) e pela unificação da Itália.

A listagem argentina começa com Mariano Moreno, um dos realizadores do primeiro governo autônomo, e colaborador da inde-

pendência Argentina. Manuel Belgrano foi militar que liderou as tropas argentinas na guerra pela independência, e participou do primeiro governo argentino. Jose de San Martín foi outro líder da independência argentina, considerado Pai da Pátria argentina, e atuou contra a colonização espanhola em boa parte da América do Sul, participando também da independência do Chile e do Peru. Juan Manuel de Rosas foi governador de Buenos Aires e colaborou para consolidar a Argentina, e é tido ora como um caudilho ou um tirano, ora como representante das características mais originais da argentinidade. Sarmiento foi presidente da Argentina, além de historiador, e é tido como um dos principais consolidadores da Argentina, ao estruturar o sistema educacional, bem como criador da versão oficial da história do país. Juana Azurduy, por fim, foi uma líder guerrilheira que atuou nas lutas de independência da Argentina e da Bolívia.

A consideração histórica destes heróis foi desigual. Em que se fundou esse trato diferente? Belgrano e São Martín são os mais destacados pela “historiografia patriótica”. Não sem debate, o primeiro se transformou-se nas mãos de Mitre em um modelo de virtudes como a abnegação, o desprendimento, a modéstia e a perseverança. Além disso, a figura de San Martín, antes discutida, se transformou em figura sobre-humana e fator de reconciliação das parcialidades enfrentadas na segunda metade do século XIX. Ambos os relatos se complementavam, pois edificavam símbolos de unidade nacional chamados a perdurar. A identidade que pretendiam construir subordinava regionalismos, religiões, cores de pele e outras diversidades. Durante o século XX, a memória de São Martín foi apropriada e monopolizada pelo Estado. Desde 1933 o Instituto Nacional Sanmartiniano adquiriu um crescente poder para controlar as representações que tratavam aspectos da biografia do “pai da pátria”. No plano escolar, manuais baseados principalmente nas obras de Mitre trasladaram esta visão a sucessivas gerações de crianças que escutariam falar da pátria, da bandeira, das glórias nacionais e dos principais episódios heróicos de uma história comum a “todos” os argentinos. No caso da escola média, os conteúdos incorporados em 1884 se mantiveram quase iguais por mais de cem anos.

Para o caso do Uruguai, temos Artigas, caudilho federal considerado o ‘herói da Pátria’ e da origem da “orientalidade”. Fructuoso Rivera foi fundador de uma das coletividades políticas tradicionais no país (o Partido Colorado) e foi também o primeiro presidente constitucional. O segundo presidente constitucional foi o fundador da divisa Blanca: Manuel Oribe. No caso de José Pedro Varela é visto como fundador da escola pública

Médias das respostas à questão 33:  
 “ASSINALE A ALTERNATIVA QUE MELHOR INDICA SEUS CONHECIMENTOS ACERCA DO  
 SEGUINTE PERSONAGEM” (por ordem das médias)

Personagens – Brasil	c. Tiradentes	d. D. Pedro I	a. Cabral	f. Duque de Caxias	b. Zumbi dos Palmares	g. Anita Garibaldi	e. Frei Caneca
<b>Média</b>	0,66	0,60	0,52	0,20	0,07	0,01	-0,12
Personagens – Argentina	c. San Martín	f. Sarmiento	b. Belgrano	d. Rosas	a. Moreno	e. Urquiza	g. Juana Azurduy
<b>Média</b>	0,37	0,33	0,30	0,13	-0,22	-0,08	-0,66
Personagens – Uruguai	a. Artigas	f. José Pedro Varela	e. Battle Ordoñez	b. Frutuoso Rivera	c. Manuel Uribe	d. Obdulio Varela	g. Maria Eugenia Vaz Ferreira
<b>Média</b>	0,92	0,80	0,56	0,53	0,36	0,09	-0,32

Fonte: Dados do projeto Jovens e a História, 2009.

**Figura 1.** Médias das respostas dos estudantes.

e da identificação com os princípios de gratuidade, obrigatoriedade e laicidade que marcam fortemente o país. Obdulio Varela, conhecido como o “negro jefe” foi o capitão da seleção uruguaia que conquistou a Copa do Mundo no ano 1950 no denominado “Maracanazo”. Por último, a presença feminina de Maria Eugenia Vaz Ferreira identifica a poetiza com a criação intelectual nacional aos inícios do século XX.

Qual seria a relevância dos próceres para os argentinos de hoje? Em momentos de crise, os meios de comunicação de massas colaboraram na construção de uma nova significação. Assim, aparecem como protótipos de valores supostamente presentes na sociedade argentina, mas traídos pela sua classe política. Nesse sentido, é digno de mencionar-se o programa “O Gene Argentino. Buscando o argentino maior” (2007) no qual se tentava elucidar com que personagem, vivo ou falecido, os argentinos queriam identificar-se. O ganhador foi “o pai da pátria”. No mesmo ano, diante da eleição presidencial, os spots realizados pela rádio Rock & Pop, dirigidos a um público jovem, diziam lutar por um sufrágio responsável. Neles, São Martín e Belgrano castigavam fisicamente àqueles que votavam sem consciência.<sup>2</sup>

Na Argentina, a importância do indivíduo na história parece ser um fato popularmente não discutido graças aos enfoques adotados pela novela histórica e por atrativos produtos televisivos que, se bem resultam discutíveis para a comunidade de historiadores, gozam de aceitação em amplos setores da população. Em 2009, uma pesquisa nacional e aberta realizada nos dias prévios à comemoração do 17 de agosto, efeméride instituída para lembrar a San Martín, arrojou como resultados uma clara “preferência” por San Martín, Belgrano e Sarmiento. Bastante atrás ficaram Mariano Moreno e Juan Manuel de Rosas.<sup>3</sup>

Como se explica a quase inexistente presença dos caudilhos na memória oficial? Novamente devemos referir-nos a Mitre. Se por um lado se lhes podia reconhecer qualidades destacadas nos chefes militares atuais, se objetava sua forma demagógica de vincular-se as massas de índios, mulatos e mestiços. Amplas concessões para sustentar seu poder como cargos importantes no exército, certa distribuição da riqueza e encurtamento das diferenças sociais, passaram a não ser vistas

<sup>2</sup> Ver: “El Gen Argentino. Buscando al argentino más grande”, <<http://www.elgenargentino.com/>>; – “San Martín y Belgrano también hacen campaña”, en diário *La Nación*, Buenos Aires, 25 de octubre de 2007. Videos en: <<http://www.youtube.com/watch?v=9lz8Z-6l52g>> (Belgrano); <<http://www.youtube.com/watch?v=m5A16NQE2K8>> (San Martín).

<sup>3</sup> – “Algo habrán hecho... por la historia argentina”, <<http://elhistoriador.com.ar/elservidor/dvds/algo.php>>. – “El Libertador es el prócer preferido, pero el 30 % no sabe por qué es feriado”, en Cadena3.com, <<http://www.cadena3.com/contenido/2009/08/17/36168.asp>>.

pelas elites como atitudes para imitar. Por outra parte, a política da elite dirigente do país unificado com claro predomínio de Buenos Aires (Mitre venceu a Urquiza em 1861), teve paralelo em uma construção historiográfica que ignorou as histórias provinciais. Atualmente, apesar dos avanços na historiografia regional, estes não foram incorporados ainda a um relato que de conta de uma história de alcance realmente “nacional”. Em consequência, os manuais escolares seguem registrando um olhar centrado fundamentalmente em Buenos Aires e sem aportes da história de gênero. No caso do “tirano” Rosas, ainda que o movimento historiográfico dos revisionistas argentinos não tenham logrado incorporá-lo ao panteão dos heróis nacionais, com o tempo sua figura perdeu força simbólica contestatária e chegou a fazer parte da história aceita como legítima. Um momento crucial desta “reconciliação nacional” foi a repatriação de seus restos levada a cabo pelo presidente Carlos Menem em 1989.

San Martín (herói máximo, pai da pátria) e Belgrano formaram parte da construção da história pátria mitrista que ainda tem influência no que os professores e professores ensinam. San Martín aparece como o mais conhecido em média, seguido por Sarmiento, talvez pela grande ênfase que se dá a ele na escola primária, aparecendo mais como educador que como político ou militar. Tiradentes aparece, no Brasil, com o personagem mais evocado, seguido de perto por D. Pedro I, que – guardadas todas as diferenças – corresponderia a Artigas e San Martín, no Uruguai. Desse modo, no Brasil, um mártir, um personagem politicamente derrotado, supera por pouco o libertador e fundador do Brasil como unidade política autônoma. As semelhanças entre Argentina e Uruguai são maiores, nessa parte dos mais lembrados, pois o papel histórico do primeiro e do segundo lugares é semelhante (libertador / fundador do país, seguido do estruturador do ensino público). Na experiência histórica brasileira, a construção de Tiradentes como herói pela República proclamada só no final do século XIX, e a inexistência de um sistema público de ensino expressivo até meados do século XX trazem suas marcas para o “ranking” de personagens históricos mais lembrados. Enquanto isso, Moreno o representante argentino de um modelo alternativo de revolução que não foi o que precisamente triunfou, aparece entre os “esquecidos”.

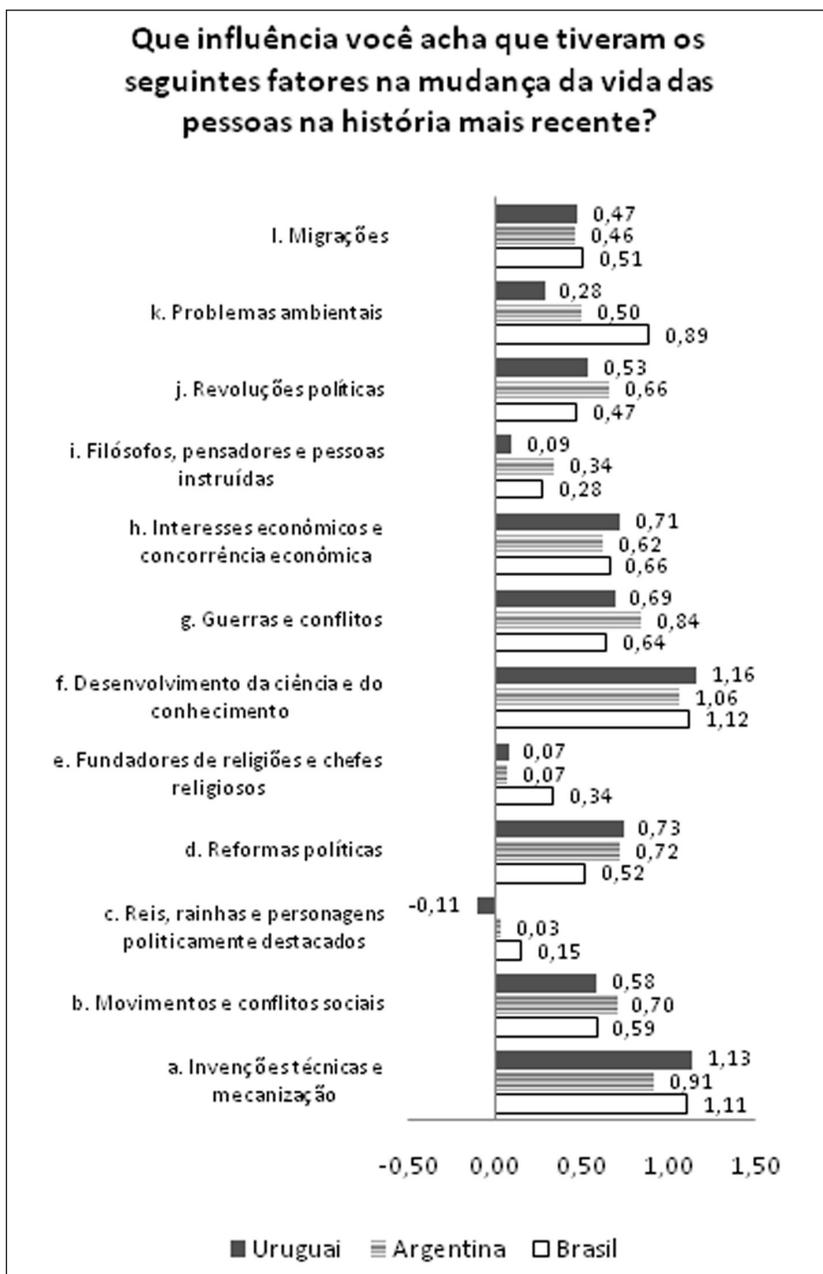
Um olhar sobre a outra extremidade da tabela nós dá a conhecer os “esquecidos”, cuja menção variou entre “não conheço” (-1) e “conheço apenas o nome” (0) – indicando que têm familiaridade com o nome, mas não conhecem o personagem e seu papel na narrativa histórica. Para Uruguai e Argentina, aparece a consequência das perspectivas de gênero praticamente não estarem presentes na história escolar, assim como

também não a história regional. A história dos caudilhos ainda não faz parte de um relato nacional integrador. A figura de Juana Azurduy registra os níveis mais baixos de conhecimento por parte dos alunos argentinos. Isso se explicaria pela sobrevivência de uma história escolar centrada no masculino apesar da existência de estudos específicos dedicados a sua atuação; o mesmo vale para os estudantes uruguaios, que marcam para Maria Ferreira o índice mais baixo de conhecimento registrado na tabela. Isso não se aplica totalmente ao caso brasileiro, em que os estudantes têm como personagem pior colocado o revolucionário Frei Caneca, cujas tintas, a propósito, são mais diluídas na narrativa tradicional da história nacional, exatamente pela sua dissonância quanto ao projeto de nação conservador resultante da continuidade com a monarquia portuguesa. É interessante notar, ainda, o baixo impacto que teve a campanha associada aos movimentos negros junto à cultura histórica brasileira – escolar e não escolar – pela inclusão de Zumbi dos Palmares entre os heróis nacionais, um exemplo claro de disputa pelas representações históricas coletivas envolvendo setores historicamente desfavorecidos. Zumbi fica muito próximo de zero, mas não tanto atrás do patrono do Exército, o Duque de Caxias, que figura no panteão imaginário dos heróis da pátria desde o século XIX. Zumbi é reivindicado como herói há pouco mais de duas décadas, no Brasil.

Se comparados com brasileiros e uruguaios, os estudantes argentinos indicam ter menos conhecimento de seus próceres. Este dado é coincidente com os resultados da pesquisa mencionada anteriormente (ver nota quatro): “os jovens foram os mais reticentes a escolher um personagem”; “os que menos lembram os fatos históricos que motivam os feriados são a faixa mais jovem dos incluídos na pesquisa: os que têm entre 18 e 24 anos”...

Por fim, é necessário remarcar que a forma da pergunta no questionário não permite saber muito sobre como os respondentes se identificam com os personagens, ou seja se estabelecem uma relação mais afetiva, mais racional ou mais indiferente com esses personagens. Por mais que uma formulação diferente da pergunta pudesse produzir uma maior qualidade de dados, o ideal é combinar esse resultado com uma pesquisa qualitativa.

A Figura 2 é um gráfico que sintetiza as respostas dos alunos à questão 18, quanto às suas concepções sobre a importância dos fatores listados no desenvolvimento histórico. É necessário avisar que o item referente aos movimentos operários, para os alunos brasileiros, está comprometido porque, por um erro de impressão, foram coletados



Fonte: Dados do projeto "Jovens e a História", 2009.

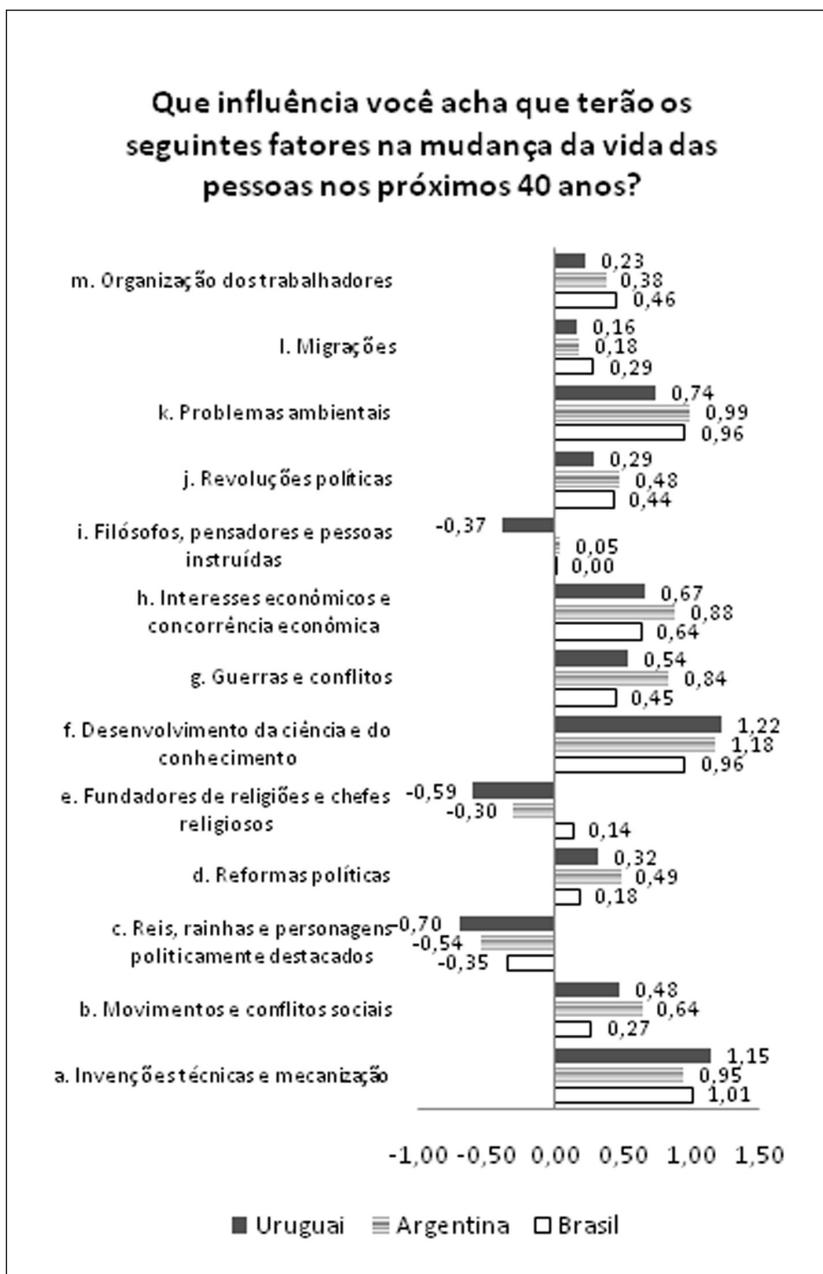
**Figura 2.** Síntese das respostas dos alunos à questão 18.

apenas as respostas de dois colégios de Curitiba a esse item. Essa questão permite dimensionar a importância de atos de sujeitos individuais e coletivos na História para os estudantes que participaram da amostra. A Figura 3 traz os mesmos dados da questão 19, com a média das respostas às perguntas sobre os mesmos fatores, porém referidos ao futuro.

O conjunto dessas duas perguntas sobre os fatores históricos e sua influência na vida das pessoas permite inquirir mais diretamente o pensamento dos estudantes a partir do conceito de consciência histórica, pela sua característica de abarcar as relações entre passado, presente e futuro na composição da identidade e das opções para o agir. Por meio delas é possível identificar a maneira pela qual interpretam o movimento da história, a partir da identificação das principais forças que – segundo os respondentes – atuam sobre o desenvolvimento histórico. Daí a vantagem de analisar as duas questões conjuntamente.

O primeiro dado que chama a atenção é a presença da ciência e da tecnologia como fatores predominantes para a explicação das mudanças, tanto no passado recente quanto no futuro: os itens “a” e “f” registram as maiores médias. Esses dados coincidem com os levantamentos realizados por Kusnick (2008). Todavia, há indícios de que esses processos estejam sendo entendidos como forças independentes da ação humana, uma espécie de substituto laico para a ideia de cumprimento dos desígnios divinos na história. Essa afirmação é possível porque, ao mesmo tempo em que se destacam as invenções técnicas, mecanização, desenvolvimento da ciência e do conhecimento, os filósofos, pensadores e pessoas instruídas (item “i”) recebem uma média muito baixa. Em suma, o processo percebido como mais importante parece ser um processo sem sujeito, ou com um sujeito oculto e extraordinário.

Os fatores, por outro lado, que estão vinculados a sujeitos históricos propriamente ditos, tanto são menos indicados como importantes, em média, quanto tendem a ter a avaliação da sua importância diminuída entre a apreciação dos fatores do passado e a apreciação dos fatores do futuro. Referimo-nos aos itens “i”, “e” e “c”. O mesmo ocorre com os resultados da iniciativa política coletiva, expressos nos itens “b”, “d”, “j” e “m” (ainda que este último tenha tido seus resultados prejudicados por um erro já mencionado acima). Esses resultados parecem refletir a restrição do espaço público (e portanto da ação coletiva) no imaginário dos respondentes, bem como parecem educar uma tendência à passividade política e social, uma vez que ações das quais os sujeitos poderiam participar são tidas como pouco influentes, o que pela lógica diminui a perspectiva de colaborar com elas.



Fonte: Dados do projeto "Jovens e a História", 2009.

**Figura 3.** Síntese das respostas dos alunos à questão 19.

Os sujeitos cuja ação parece, para os estudantes, como pouco importante, por outro lado, tem sido a tônica tradicional da explicação da História nas escolas, o que indica um descompasso entre a visão de história dos alunos e aquilo que eles aprendem em sala de aula. Os personagens tradicionalmente entendidos pela educação cívica e o ensino tradicional da História como heróis, privilegiados nos itens “c”, “e” e “i”, não encontram repercussão na ideia geral que os estudantes fazem da história.

### **Considerações finais**

O tipo de pesquisa aqui apresentada pode não atingir os níveis de profundidade de uma pesquisa qualitativa, mas certamente é capaz de diagnosticar características gerais do pensamento dos respondentes que podem ser relevantes para aplicação nos estudos da Didática da História e das Ciências da Educação em geral. Longe de serem concorrentes com as pesquisas qualitativas, os dados em questão podem ser um mapeamento e um estímulo a aquele tipo de investigação.

Em síntese, quanto ao papel dos sujeitos na História, podemos destacar que para os sujeitos de nossa amostra, os próceres são em geral mais conhecidos para brasileiros e uruguaios que para argentinos. O pouco conhecimento das personagens femininas indica uma cultura histórica masculina, que pode também estar sendo reproduzida na história que continua sendo ensinada na escola. Apesar disso tudo, os chamados “personagens importantes” são vistos como tendo pouca influência no desenvolvimento histórico, o que por um lado pode ser recebido positivamente, já que existem condições prévias na mentalidade dos alunos para uma aprendizagem dos processos históricos sem personalismo ou voluntarismo. Por outro lado, essa mesma característica pode apontar problemas para a aprendizagem histórica e sua tradução em posturas cidadãs, na medida em que há dificuldades de identificar os efetivos sujeitos por trás dos processos históricos vividos no presente e percebidos em perspectiva do passado ao futuro.

### **Referências**

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2007.

ANGVIK, Magne; BORRIES, Bodo von (Eds.). *Youth and History*. A comparative european survey on historical consciousness and political attitudes among adolescents. Hambourg: Edition Körber-Stiftung, 1997. Vol. A.

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns Apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, v. XI, n. 1, p. 147-168, mar. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE AMEZOLA, Gonzalo. *Esquizohistoria*. La historia que se enseña en la escuela, la que preocupa a los historiadores y una renovación posible de la historia escolar. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008.

FLORES, Élio Chaves. Dos feitos e dos ditos: história e cultura histórica. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n. 16, p. 83-102, jan./jun. 2007.

KUSNICK, Marcos R. *A filosofia cotidiana da História: uma contribuição para a didática da História*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Ponta Grossa, 2008.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1989.

MOISÉS, José Álvaro. Democratização e cultura política de massas no Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 26, p. 5-51, 1992.

POMER, León. *La Construcción de los Héroes*. Imaginario y nación. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

ROUX LÓPEZ, Rodolfo de. *La insolente longevidad del héroe patrio*. C.M.H.L.B. Caravelle, Toulouse, n. 72, p. 31-43, 1999.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

Submetido em 26/08/2010.

Aprovado em 04/07/2011.